

# “A escrita é um exercício de imaginação e empatia”

written by Rui Paulo Costa | 13 de Dezembro, 2024



No decorrer da Origincon, mostra de cultura pop, realizada no passado fim de semana no pavilhão Multiusos de Gondomar, O Cidadão presenciou a apresentação de “O Pacto”, o romance de Nuno Gonçalves, vencedor do Prémio António de Macedo em 2022, que coloca o leitor face a um dilema moral difícil de ignorar.



Editorial Divergência |  
Direitos Reservados.

A história de “O Pacto” segue Amadeu, um oncologista pediátrico, que ao receber o poder de curar qualquer doença, tem de lidar com a pesada contrapartida de uma vida a ser tirada para cada alma que salva. O dilema de Amadeu é claro: salvar ou não, sabendo que a morte está à sua porta a cada vez que decide agir. Em entrevista, Nuno Gonçalves detalha o processo criativo por trás da obra e as escolhas que moldaram a sua narrativa.

***“Como sou oftalmologista, tenho poucas oportunidades de salvar vidas e de matar pessoas”,*** começa Gonçalves com um sorriso, refletindo sobre a sua própria profissão. A escolha de fazer do protagonista um médico, explica, foi um movimento pragmático, mas também artístico: ***“A ideia de o personagem ser médico, não foi tanto ser autobiográfico, foi porque era mais fácil para mim, não tinha de fazer tanta pesquisa e tinha pouco tempo para escrever o livro, quando comecei a escrevê-lo. E também achei que era mais interessante para o dilema dele.”***

Através de Amadeu, Nuno Gonçalves propõe uma reflexão sobre os limites da moralidade e da ética quando se tem o poder de alterar o destino das pessoas. No entanto, o autor evita cair em simplismos, preferindo explorar a complexidade humana do seu protagonista: ***“A partir do momento em que tenho o poder de curar qualquer pessoa, podia simplesmente ignorá-lo e levar uma vida sem me preocupar com isso. Mas como ele é oncologista pediátrico e vê crianças a morrer de cancro todos os dias, seria mais difícil ignorá-lo.”***

A construção do personagem e da narrativa também levou Gonçalves a subverter expectativas. A personagem feminina, Suzane, não é apenas um elemento passivo da história, mas sim um contraponto ativo à personalidade de Amadeu. ***“A Suzane é mais levar tudo à frente. O Amadeu é mais passivo, as coisas vão acontecendo sem ele querer muito que aconteçam.”*** O autor revela que a construção desta relação entre os dois personagens foi baseada, sobretudo, na oposição de atitudes e não nas crenças: ***“A Suzane é mais virada para o lado místico, enquanto o Amadeu, mesmo estando envolvido num pacto com o Diabo, ainda assim não acredita propriamente em nada sobrenatural.”***

No que diz respeito à construção do poder de Amadeu, a simplicidade da regra que rege a sua habilidade confere-lhe uma aura quase mítica. ***“Ele escolhe alguém que está doente, toca a pessoa, diz uma frase, ‘Filho da Manhã’, e a pessoa é curada, e ele depois tem sete dias para matar alguém, senão a cura é derretida”***, explica. O também médico sublinha que a liberdade do protagonista é total no momento de decidir quem deve morrer, ***“ele pode matar como ele quiser, com as armas que quiser”***, o que ele vê como uma metáfora para a arbitrariedade das decisões humanas, especialmente aquelas que envolvem vida e morte.

A escrita, revela o autor, não foi um processo fácil, e a forma como o livro foi produzido reflete a sua experiência de vida. ***“Entre o momento em que me sentei para escrever a***

***primeira palavra até à última, foi menos de um mês***", conta, detalhando o esforço concentrado durante a sua licença de paternidade. ***"Mas já tinha dois meses de trabalho antes de planeamento, não tinha tempo propriamente para escrever, mas quando eu me sentei para escrever este livro já sabia tudo o que ia acontecer, quase de capítulo a capítulo."***

A narrativa é, sem dúvida, marcada por um ritmo rápido, típico de thrillers e obras de suspense. Nuno Gonçalves explica que o formato dos capítulos curtos foi intencional: ***"A ideia era criar um ritmo acelerado de leitura, tentando terminar cada capítulo de forma que o leitor tivesse vontade de continuar."*** Essa técnica, que alterna entre passado e presente, entre personagens, aumenta a tensão, e faz o leitor querer saber mais, mesmo sem respostas imediatas.

Ao ser questionado sobre o uso de fórmulas e lugares-comuns, o autor reconhece que é impossível fugir às influências, mas tenta sempre dar uma volta criativa às mesmas. ***"Já foi tudo feito, e tentar dar-lhe uma volta um bocadinho inesperada."*** No caso de "O Pacto", o autor faz um uso consciente do mito de Fausto, mas não se limita a ele. "Eu queria que o leitor fosse surpreendido, que não soubesse o que ia acontecer a seguir."

Ainda no que diz respeito à escrita, Nuno Gonçalves reconhece a necessidade de entender os próprios limites enquanto autor, mas também a importância de explorar outras realidades, como no caso das personagens femininas. Quando se discutiu o tratamento de Suzane, Gonçalves abordou a questão da escrita de personagens femininas por autores homens. ***"Eu acho que não devemos escrever só aquilo que conhecemos em primeira mão, senão não escrevemos mais nada que não fosse algo autobiográfico. A escrita de ficção é um exercício de imaginação."*** No entanto, ele confessa que sempre teve algum receio em abordar personagens femininas de forma profunda, devido a questões de perceção pública e estereótipos.

***"Eu acho que antigamente, quando a maior parte das obras***

*publicadas eram publicadas por homens, os homens escreviam personagens femininas sem problema. Atualmente, não sei, achava que havia coisas que eu tinha medo de ser clichê ou ser preconceituoso*”, disse o escritor, aludindo ao cuidado que deve ser tomado na construção de personagens que não se baseiem em estereótipos.

Ainda assim, o autor salienta que não deve haver restrições à imaginação do escritor: *“Não devemos restringir as histórias à nossa personalidade da forma como é percebida pela sociedade.”* Uma mensagem clara de que a literatura, na sua essência, deve ser um campo para a liberdade criativa e a empatia.

Quanto ao futuro da sua carreira literária, Nuno Gonçalves não descarta a possibilidade de um próximo livro, embora com personagens e uma história totalmente diferentes. *“Não tenho ideia de uma sequência para estas personagens. Para mim, a história delas está contada. Mas tenho ideia para uma sequência diferente. Coisas que acontecem depois desta história, mas com outros personagens.”* A conclusão da história de Amadeu e Suzane, embora um enigma para o leitor, parece ser, para Nuno Gonçalves, uma página virada.

Por fim, o autor admite que a escrita, apesar de ser uma paixão de longa data, nunca foi uma opção inicial. *“A Medicina foi o caminho que escolhi, mas a literatura esteve sempre comigo. O prazer da leitura fez crescer a vontade de um dia ver as minhas palavras no papel.”* E, como todos os grandes escritores, Nuno Gonçalves parece estar apenas a começar a explorar o seu potencial literário.

OC/RPC